

PAULO FREIRE: ORGULHO DOS EDUCADORES BRASILEIROS

Paolo Nosella

Professor do PPGE – Uninove
Professor voluntário da
UFSCAR
SÃO CARLOS – SP [Brasil]
nosellap@terra.com.br

O *folder* de divulgação da Jornada Pedagógica “Professor Paulo Freire”, do Centro Universitário Central Paulista (Unicep), realizada em São Carlos (SP), assim personalizava o tema de minha palestra na abertura do evento: “A visão de um ítalo-brasileiro a respeito de Paulo Freire”. Obviamente, meu olhar sobre Paulo Freire, aliás, sobre qualquer assunto é, inevitavelmente, ítalo-brasileiro. Já escrevi em outras circunstâncias que sou, no Brasil, um “intelectual vesgo”, porque olho, ao mesmo tempo, para a realidade do Brasil, onde vivo há 40 anos, e da Itália, onde nasci e vivi meus primeiros 25 anos. Se, por um lado, esse olhar me impõe alguma limitação, por outro, enriquece minhas análises, ampliando o leque das experiências e das relações.

PALAVRAS-CHAVE: Educação popular. Histórica. Política.

1 Paulo Freire dos anos 1960

No caso específico de Paulo Freire, há muito que dizer a respeito do meu ser ítalo-brasileiro. Com efeito, recém-formado em filosofia na Itália, vim ao Brasil, no ano de 1967, motivado precisamente pela repercussão que o método de alfabetização e os círculos de cultura, organizados por Paulo Freire no nordeste brasileiro, provocavam na Europa.

Lembro-me muito bem daqueles anos. Minha geração de universitários foi uma geração de “revolucionários”. Ainda hoje, somos cognominados, por muitos, de geração 68, devido à revolução estudantil daquele ano. Em nossos debates políticos, dividíamos-nos entre os que defendiam a revolução pelos métodos violentos e os que o faziam pela estratégia da não-violência. Eu pertencia a essa segunda categoria.

Durante as férias escolares da década de 1960, viajávamos muito pela Europa toda. Quase nunca a turismo. Queríamos mesmo mudar o mundo. Trabalhávamos nas *bidonvilles* (favelas) das periferias de Paris, Lion, Londres e Roma, morando em simples alojamentos estudantis. À noite, cantávamos as músicas de Joan Bæz, dançávamos e planejávamos as formas de mudar o mundo. Nas portas dos alojamentos, os nomes de nossas lideranças espirituais e políticas da época eram: Papa João XXIII, John Kennedy, Martin Luther King, Mao Tse-Tung, Gandhi, Che Guevara, Fidel Castro, Salvador Allende, Paulo Freire e outros.

Entre nós havia muitos estudantes universitários brasileiros. Impressionava-me a melancolia e a tristeza desses colegas: Sabe – diziam eles – o que é um banho de água fria? Quando você não espera que alguma coisa de muito ruim aconteça e acontece? Para nós, o golpe militar de março de 1964 foi uma verdadeira tragédia. Estamos revoltados e indignados. No Brasil, hoje, desconfia-se das pessoas com quem se está conversando, pois podem ser dedos-duros ou alguém que contará sobre você ali adiante. Às vezes, duvida-se até das pessoas íntimas, amigas suas, que poderiam estar do lado

dos militares. Os melhores brasileiros foram expulsos do país, inclusive Paulo Freire, nosso grande educador popular.

Ao falarem o nome do educador pernambucano, explicavam que, no início dos anos 1960, haviam sido criados em todo o Brasil numerosos movimentos sociais de educação popular, como o Centro Popular de Cultura (CPC), o Movimento de Educação de Base (MEB), o Movimento de Cultura Popular (MCP), e tantos outros que operavam não apenas numa perspectiva técnico-didaticista, e sim com a preocupação política de mudar o mundo. Estavam envolvidos nesse processo a Igreja, os sindicatos, os partidos de esquerda, os estudantes e outros setores da sociedade civil. Tudo condizente com o clima cultural inovador internacional daquela década.

Nunca, no Brasil, as questões pedagógicas estiveram tão impregnadas de preocupações políticas como no início da década de 1960. Os governos populistas desse período mobilizavam as massas, pois acreditavam que cada homem correspondia a um voto. Ora, uma vez que para votar era preciso ser alfabetizado e que, no Brasil dessa época, havia cerca de 50% de analfabetos, o problema da alfabetização de adultos ganhava extrema relevância política. O Ministro da Educação, Paulo de Tarso, do governo João Goulart, incentivou as experiências metodológicas de alfabetização de massa. Soubera ele que, em 1962, em Angico (RN), 300 trabalhadores haviam sido alfabetizados pelo método Paulo Freire, em 45 dias, sem a tradicional cartilha de alfabetização. O fato repercutira enormemente no país. Com efeito, o jovem Paulo Freire, que então pertencia ao Movimento de Educação de Base (MEB), traduzira, em termos educacionais, os anseios dos intelectuais e dos estudantes brasileiros por uma real libertação de seu povo e, portanto, por sua alfabetização universal.

Aos governantes populistas interessava, sobretudo, o aspecto eleitoral: o método de alfabetização inventado por Paulo Freire, calculavam eles, garantiria rapidamente um enorme número de adultos alfabetizados, um considerável aumento do colégio eleitoral. Assim, quem assumisse a direção desse

projeto de alfabetização, influenciaria a política geral do país. Por isso, em junho de 1963, Paulo Freire foi nomeado presidente da Comissão de Cultura Popular do MEC e, em março de 1964, o próprio Ministro da Educação o designou Coordenador do Programa Nacional de Alfabetização.

A repercussão do movimento de alfabetização e de cultura de Paulo Freire foi realmente enorme e transbordou as fronteiras nacionais. Basta pensar que, entre junho de 1963 e março de 1964, foram criados cursos de habilitação para coordenadores em quase todas as capitais dos Estados, atingindo vários milhares de pessoas. Para o ano de 1964, o plano de trabalho previa a criação de 20 mil círculos de cultura para 2 milhões de analfabetos.

Os resultados assustaram as forças políticas conservadoras do Brasil, porque o movimento transcendia o mero aspecto eleitoral e possuía um potencial ideológico revolucionário; por isso, todo esse trabalho foi interrompido pelo golpe de estado desferido pelos militares em 31 de março de 1964. Paulo Freire, como muitos outros, saiu do Brasil.

Foram justamente relatos desse tipo que me motivaram a realizar, após minha colação de grau em filosofia, um estágio de dois anos no Brasil, para trabalhar em educação popular pelo método Paulo Freire e, assim, colaborar com os movimentos de resistência ao golpe militar de 64. Cheguei ao Brasil em outubro de 1967 e me engajei com uma equipe de educadores na criação de escolas rurais da Pedagogia da Alternância. Queríamos preservar – pensávamos nós –, por meio do trabalho educacional no campo, de forma quase clandestina, as sementes do método Paulo Freire.

Confesso que, se os relatos dos colegas brasileiros, ainda lá na Itália, me indignaram contra os militares e me motivaram a viajar ao Brasil, o fato de esse famoso educador ter colaborado com um governo populista me suscitava algumas perplexidades. Estariam Paulo Freire e seu método de alfabetização ‘infectados’ de populismo? Ora, o populismo, sabemos, é, fundamentalmente, uma forma política de seduzir e enganar o povo.

Mais tarde, porém, aprendi que o populismo dos anos 1960 não foi mera manipulação das massas, pois ensinou aos trabalhadores o caminho da escola e da organização político-sindical. Francisco C. Weffort, numa obra importante sobre o sentido dos governos populistas e do próprio populismo – *O populismo na política brasileira* (1978) –, defende a tese de que há vários sentidos político-culturais do populismo brasileiro. De fato, os governos populistas dos anos 1960 exibiram claros objetivos de independência nacional, de realização de uma sociedade igualitária, de defesa dos direitos trabalhistas. Contrapunham-se, frequentemente, à política do bloco norte-americano. Apoiavam movimentos sociais progressistas e até revolucionários. Os intelectuais, os políticos e os estudantes, envolvidos com movimentos de educação e cultura popular, encontravam franco apoio nesses governos.

Nessa perspectiva política de libertação popular, a alfabetização de adultos daqueles anos não foi, portanto, apenas questão de números, de estatísticas e de votos nas urnas, mas, sobretudo, de natureza político-ideológica e cultural em favor dos oprimidos. Eram esses os objetivos precisos de inúmeras atividades de cultura popular desenvolvidas em todo o território nacional, especialmente no Nordeste.

Em suma, o método Paulo Freire dos anos 1960 era essencialmente libertador. Paulo rejeitava o tecnicismo pedagógico que pretendia ensinar, pura e formalmente, as letras do alfabeto ou frases como “Eva viu a uva”, mas também não aceitava ensinar apenas como preencher cédulas eleitorais, isto é, opunha-se, igualmente, ao “politicismo” pedagógico. Pretendia, ao contrário, ensinar ao oprimido como ler o mundo para mudá-lo, enfatizando metodologicamente o estudo sobre o contexto imediato do alfabetizando, isto é, sua vida concreta de pobre, de ajudante de pedreiro, de camponês, de lavadeira, de empregada doméstica, de dona de casa etc. A partir daí, ensinava aos oprimidos a compreensão do capitalismo periférico do mundo subdesenvolvido e, finalmente, a do capitalismo central dos países mais ricos. Pretendia que os pobres assumissem, pelas próprias mãos, conscientemente, as rédeas de seu porvir.

Paulo Freire, em entrevista a mim concedida em 1985, afirmou que os governos populistas não foram somente manipuladores das massas. Até mesmo os que pretendiam sua manipulação, dizia, acabaram, de fato, ensinando ao povo o caminho das praças públicas onde eram erguidos palanques para os comícios e ocorriam as grandes manifestações sociais.

A última vez que eu entrei em um governo, foi no governo de Goulart, que era para mim, em certo sentido, mais progressista do que este. Engraçado isso, principalmente pela ambigüidade tremenda do populismo. [...] É preciso contar com a positividade da negatividade do populismo, que é um lado da ambigüidade populista, que termina por trabalhar a favor da presença popular. Quer dizer, precisando da presença popular reivindicativa na praça pública, para justificar-se, o populismo termina ensinando a massa a vir à rua. Ela vem para justificar a presença do populismo e termina aprendendo a vir. Quando ela aprende a vir, ultrapassa os interesses e as intenções do populismo. (NOSELLA; BUFFA, 1988, p. 79 e 85).

Naturalmente, da mesma forma, o povo brasileiro, durante os governos populistas, aprendeu o caminho para a escola e para a organização político-sindical. Se olharmos pelo lado positivo esses governos, podemos afirmar que o método Paulo Freire representou a expressão educacional mais elevada antes do golpe militar. Assim, se a educação popular daquela época não conseguiu oferecer elevada qualidade escolar, ensinou ao povo brasileiro, pela primeira vez na sua história, o caminho da escola. O que não foi pouca coisa.

Ressalte-se, porém, que a importância do trabalho desenvolvido pelo educador Paulo Freire não se restringe aos anos 1960; por isso, se o mutilássemos nesse primeiro período de sua atividade, estaríamos deformando irremediavelmente sua figura e sua presença na história.

2 O exílio e o retorno ao Brasil

Quando cheguei ao Brasil, os movimentos de educação popular estavam sendo reprimidos. Infelizmente, as notícias de cassações e perseguições políticas, de exílios, de sumiços de pessoas, de torturas e de censura da literatura marxista, ou simplesmente crítica, chamada de subversiva, eram diárias. Paulo Freire fora exilado em 1964, logo após o golpe militar. Antes de passar a viver no exterior, aqui, em sua própria terra, “[...] passou 75 dias na prisão acusado de ‘subversivo e ignorante.’” (GADOTTI, 1996, 72).

Os anos de 1967 a 1974 foram anos de chumbo. Em equipe, eu visitava e assessorava as escolas agrícolas da Pedagogia da Alternância, recém-criadas no interior do Estado do Espírito Santo. A equipe era formada de profissionais diversificados: professores, médicos, agrônomos, economistas, técnicos agrícolas, assistentes sociais, nutricionistas e outros, provenientes, quase todos, dos grandes centros urbanos – São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Bahia e outros. Muitos deles, ex-simpatizantes ou envolvidos na guerrilha urbana, haviam fugido da cidade para o campo e contavam agora com a proteção da igreja progressista, para dar continuidade, com outra metodologia, ao trabalho de conscientização e libertação popular, objetivando pôr fim ao regime ditatorial dos governos militares. Lembro que havia uma pessoa da equipe que dormia vestida e com a luz acesa, pronta – dizia – para correr da polícia. Os padres um pouco nos acalmavam, um pouco nos protegiam.

Nesse novo contexto, os nomes, entre outros, de Paulo Freire, Darcy Ribeiro, Celso Furtado, Florestan Fernandes, todos exilados, representavam as nossas lideranças intelectuais. Traduzíamos, clandestinamente, do francês, do italiano e do espanhol para o português as cartas da Guiné-Bissau, de Paulo Freire. Mimeografávamos capítulos inteiros dos seus livros, sobretudo da *Pedagogia do oprimido*, cuja dedicatória havíamos decorado: “Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim, descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam.” (FREIRE, 1974).

Quando nos sentíamos cansados e desanimados, porque a ditadura militar parecia não acabar nunca, o próprio Paulo Freire, da América Latina, da África, da Europa ou dos Estados Unidos, encorajava-nos por meio de cartas, ensinando-nos que a luta pela libertação dos oprimidos não era só brasileira, mas ultrapassara os limites nacionais, tornando-se internacional. Era (e é) a luta dos que acreditam e afirmam que um outro caminho melhor é possível, alternativo ao “único” caminho que o capitalismo nos impõe. Do exílio, a estatura de Paulo Freire ia assumindo dimensões globais. Se, nos anos 1960, a mensagem de Freire, lançada na região nordestina, havia-se dilatado nacionalmente para todo o Brasil; na década de 1970, seu nome e seu método pedagógico expandiram-se pelo mundo.

Quando Paulo voltou ao Brasil, em 1980, alguns pensaram que viria para descansar, para se aposentar: “Afinal” – diziam – “Freire passará à história como o educador dos anos 1960”. Nada disso. Nas décadas de 1980 e 1990, a figura do pensador pernambucano foi crescendo cada vez mais, contribuindo como professor, escritor, político e orientador de todos nós, de forma original e destacada, para a renovação do pensamento pedagógico nacional e universal. A essência de sua mensagem hoje é universal: a libertação dos pobres, quer na versão tradicional, isto é, daqueles pobres que ainda não possuem as mínimas condições de sobrevivência, quer na versão dos novos pobres a quem falta, por excesso de bens de consumo, “[...] o prazer de respirar ar puro, de entrar em um rio despoluído, de pisar na grama e na areia da praia, de viver e se locomover com segurança [...]”, como se lê num de seus últimos livros *À sombra desta mangueira*. (FREIRE, 1995, p. 80). Poucos dias antes de falecer, Freire falava da ecopedagogia, que ensinaria a amar a terra, os bichos e as plantas: “Quero ser lembrado como alguém que amou os homens, as mulheres, as plantas, os animais, a terra.”(FREIRE, 1995, p. 80).

Paulo Freire faleceu no dia 2 de maio de 1997, em São Paulo, vítima de um enfarto, mas seu pensamento e influência não se encerraram com sua morte física. Seu legado continua vivo nos corações e nas mentes dos educadores espa-

lhados no mundo inteiro. Milhares de núcleos e iniciativas culturais cognominam-se explicitamente freirianos. Limito-me aqui a destacar duas importantes iniciativas: o Instituto Paulo Freire (IPF) e a Cátedra do Oprimido.

O instituto tem sede em São Paulo e foi criado tendo como base uma idéia do próprio Paulo Freire, lançada no dia 12 de abril de 1991, num encontro com amigos educadores, em Los Angeles (EUA). Sua fundação oficial ocorreu em 1º de setembro de 1992. Até o dia de seu falecimento, Paulo participou diretamente da estruturação formal do instituto e, sobretudo, da elaboração da filosofia dos projetos aí desenvolvidos. Hoje, o IPF é um centro que motiva e dinamiza uma rede internacional de pessoas e instituições em 24 países.

A idéia da Cátedra do Oprimido é uma elaboração da “Cátedra Livre Paulo Freire”, lançada no dia da fundação do IPF. Os fundamentos teóricos dessa idéia são facilmente identificáveis na filosofia freiriana de libertação dos oprimidos. Encontrar as formas para sua concretização, entretanto, é o grande desafio à criatividade dos que participam dessa iniciativa. Trata-se nada menos de vencer o burocratismo e o corporativismo acadêmicos, sem sacrificar o espírito de rigor científico próprio da filosofia educacional de Freire.

O eixo curricular dos cursos ministrados por essa cátedra e a motivação fundamental dos estudos por ela promovidos são claros: a libertação dos oprimidos, de todos os oprimidos do mundo. O corpo docente e discente é virtualmente composto de todos os homens e mulheres do mundo que tenham algo a dizer ou que queiram ouvir algum fato importante sobre esse tema.

PAULO FREIRE: THE PRIDE OF THE BRAZILIAN EDUCATORS

The advertising of the Pedagogical Day “Professor Paulo Freire”, of Centro Universitário Central Paulista (Unicep), carried through in São Carlos (SP), thus personalized the subject of my lecture, in the

opening of the event: “The point of view of an Italian-Brazilian concerning Paulo Freire”. Obviously, my look on Paulo Freire and on any subject is inevitably Italian-Brazilian. I have already wrote that I am, in Brazil, a “squint-eyed intellectual”, because I look at the same time, at the reality of Brazil, where I live for 40 years, and at Italy, where I was born and where I lived my first 25 years. If this look imposes to me some limitation, it also improves my analyses, extending experiences and relations.

KEY WORDS: History. Popular education. Policy.

Referências

NOSELLA, P.; BUFFA, E. *A educação negada: dos sonhos dos pioneiros às promessas da Nova República*. São Carlos, 1988. Relatório final de pesquisa CNPq. (mimeo).

FREIRE, P. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d’água, 1995.

_____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GADOTTI, M. (Org.). *Paulo Freire: uma bibliografia*. São Paulo: Cortez, 1996.

WEFFORT, F. C. *O Populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

Recebido em 4 maio 2007 / aprovado em 4 jun. 2007.

Para referenciar este texto

NOSELLA, P. Paulo Freire: orgulho dos educadores brasileiros. *EccoS*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 173-182, jan./jun. 2007.